

OS JOVENS E O TURISMO VOLUNTÁRIO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Susana Lima*

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,
GOVCOPP, CITUR, Portugal
sulima@esec.pt

Eugénia Devile

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,
GOVCOPP, CITUR, Portugal
eugenia@esec.pt

Filipa Morais

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,
Portugal
fmorais@esec.pt

Cynthia Simões

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,
Portugal
cdsimoes7@gmail.com

Inês Mira

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,
Portugal
inesmmm2796@gmail.com

Patrícia Gomes

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,
Portugal
patsofsgomes@hotmail.com

*Autor correspondente

Resumo

A tendência de crescimento do voluntariado, resultante de uma maior consciencialização da população para os problemas sociais e para as assimetrias de desenvolvimento a nível mundial, deu origem ao aumento do turismo de voluntariado, cujo objetivo assenta na prática de ações de voluntariado nos destinos, procurando experiências que contribuam não só para o desenvolvimento social, natural e económico das comunidades locais, como para o seu desenvolvimento pessoal. Contudo, esta é uma realidade pouco estudada do ponto de vista do comportamento dos jovens, das suas motivações e perceções a este respeito. Este estudo tem como objetivo analisar a perceção dos jovens portugueses sobre esta realidade, procurando compreender até que ponto conhecem e estão sensibilizados para a mesma. Foi utilizada uma metodologia mista, com a administração de dois procedimentos de recolha de dados: um de natureza quantitativa, através de questionário aplicado a 60 indivíduos e outro de natureza qualitativa, com a realização de entrevistas em profundidade a 15 indivíduos. Os resultados sugerem que a maioria dos jovens não está ainda sensibilizada para as práticas de turismo voluntário e detém um conhecimento muito superficial sobre o mesmo. Resulta daqui a necessidade de desenvolver mecanismos de partilha de informação entre os diferentes atores envolvidos e as instituições de ensino, no sentido de aumentar o conhecimento neste domínio e contribuir para uma maior sensibilização dos jovens.

Palavras-chave: Jovens Turistas; Responsabilidade Social; Turismo de Voluntariado; Voluntariado Internacional.

Abstract

The increased tendency of volunteering is the result of a bigger awareness of the social problems and worldwide development asymmetries which, in turn, has led to the emergence of volunteer tourism. It developed with the main aim of promoting volunteer experiences and contributes not only to the social, natural and economic development of local communities in tourism destinations, but also to the self-development of the volunteers. However, research about the behavior of young people regarding this possibility, their motivations and perceptions is scarce. This study aims to analyze the perception of the young generation of Portuguese about this reality, trying to understand to what extent they actually know and are aware of it. A mixed methodology was used, with the application of two data collection procedures: one of a quantitative nature, through a questionnaire applied to sixty individuals and a qualitative one, with in-depth interviews with fifteen individuals. The results suggest that most young people are not yet conscious of volunteer tourism practices and have very shallow knowledge about it. It is therefore necessary to develop mechanisms for sharing information between the different actors involved and educational institutions, in order to increase knowledge in this field and contribute to raise awareness among young people.

Keywords: International Volunteering; Social Responsibility; Volunteer Tourism; Young Tourists.

Introdução

A prática de voluntariado tem vindo a aumentar nos últimos anos, devido ao crescente envolvimento cívico e maior preocupação por parte das pessoas relativamente aos problemas sociais, económicos e ambientais com que se depara o mundo atualmente, nomeadamente pela gradual consciencialização da população para as assimetrias de desenvolvimento existentes a nível mundial (Ferreira, 2009). Constituindo o turismo uma das atividades económicas e sociais mais importantes a nível mundial, é natural que esta tendência de crescimento do voluntariado esteja a ter eco em alguns segmentos da atividade turística. Tendo surgido inicialmente como um produto de turismo de nicho, alguns autores já o consideram atualmente como um mercado de “nichos massificados” (Callanan & Thomas, 2005, p. 183).

O conceito de voluntariado assenta no exercício da cidadania, tratando-se de uma relação solidária para com o outro, ajudando na solução dos problemas que atingem a sociedade, sem qualquer fim lucrativo, ou seja, “exclui qualquer motivação associada à remuneração pelo ato voluntário e o complexo motivacional que impele os indivíduos para disponibilizar recursos em voluntariado internacional assenta no altruísmo e na valorização pessoal” (Ferreira, 2009, p.264).

A prática de atividades de voluntariado levada a cabo por jovens pressupõe a adesão destes a causas sociais ou ambientais ao mesmo tempo que promove o seu enriquecimento pessoal pelo desenvolvimento de diversas competências, tais como o exercício de um papel ativo na sociedade, o sentido de responsabilidade, o espírito de colaboração e ajuda, a capacidade de análise e solução de problemas diversos, a comunicação e espírito de liderança, entre outras. A possibilidade de desenvolvimento deste tipo de competências e o desejo de viajar e descobrir o mundo de uma forma alternativa constituem os pilares em que assenta o turismo voluntário, hoje em dia, e que justificam o crescimento deste segmento a nível internacional.

É neste contexto que emerge a questão de partida em que assenta o presente estudo: “Estão os jovens sensibilizados para o turismo voluntário?”. Pretende-se explorar vários domínios do conhecimento atual sobre esta temática, tendo como objetivo principal compreender até que ponto os jovens portugueses conhecem e estão sensibilizados para estas práticas, procurando identificar soluções e formas de sensibilização sobre a importância do turismo voluntário.

O artigo está estruturado em cinco secções: na primeira, de revisão da literatura, começa-se por discutir o conceito de turismo voluntário e a sua evolução, aspetos relacionados com a oferta e a procura, bem como a identificação de impactos positivos e negativos associados ao turismo voluntário; a secção seguinte apresenta o quadro conceptual a partir do qual se desenvolveu o estudo empírico e discute-se a definição da problemática e a questão de partida, procurando a identificação e explicação das variáveis a partir das quais se desenvolve o estudo; apresenta-se depois a metodologia, seguida da apresentação e discussão dos resultados. Por fim, a última secção é dedicada às considerações finais, procurando sistematizar as principais conclusões desta investigação e fazer recomendações no sentido de promover a consciencialização dos jovens para a prática de turismo voluntário.

Revisão da literatura

Turismo voluntário

O turismo voluntário, também designado de turismo de voluntariado ou volunturismo, é um conceito que integra a noção do exercício de voluntariado no âmbito de uma deslocação turística. Se, por um lado, o voluntariado já tem raízes históricas profundas, o mesmo não acontece com o designado turismo voluntário, que é um conceito muito mais recente (Ferreira, 2009).

A crescente atenção que este tipo de turismo tem gerado foi acompanhada desde cedo por um interesse crescente da literatura científica contemporânea internacional, tendência que se começou a verificar a partir de 2000, com inúmeros autores a debruçarem-se sobre as várias perspetivas que o turismo voluntário encerra (e.g. Callanan & Thomas, 2005; Gutten-tag, 2009; McGehee, 2014; McGehee & Santos, 2005; Mustonen, 2005; Smith & Font, 2014; Taplin, Dredge, & Scherrer, 2014; Wearing, 2001).

Wearing (2001) é considerado um dos primeiros autores a desenvolver investigação científica sobre o turismo voluntário, tendo apresentado a primeira definição do que se poderiam considerar de turistas voluntários, como sendo “aqueles turistas que, por várias razões, se voluntariam de forma organizada para tirarem férias que possam envolver a ajuda ou redução da pobreza material de alguns grupos da sociedade, o restabelecimento de certos ambientes ou a investigação sobre aspetos da sociedade ou do ambiente” (p.1).

Desde então, vários autores têm-se dedicado ao estudo do turismo voluntário procurando complementar o próprio conceito. Por exemplo, McGehee e Santos (2005) consideram que os turistas voluntários são aqueles que utilizam o tempo e rendimento discricionários para viajar para fora do seu ambiente habitual com o objetivo de assistir os mais necessitados. Mustonen (2005) refere-se ao turismo voluntário como uma das formas mais nobres de viajar pelo seu potencial catalisador para a promoção da paz mundial.

O seu crescimento ter-se-á ficado a dever fundamentalmente ao reconhecimento dos diversos problemas que afetam a humanidade, dos impactos negativos decorrentes do turismo de massas e da procura por formas de turismo mais sustentáveis (Callanan & Thomas, 2005; Novelli, 2005). Paralelamente, um conjunto de fatores do lado da oferta e da procura turística contribuíram para impulsionar o turismo voluntário, tais como: a crescente diversidade de tipos de projetos, a variedade de destinos possíveis onde se desenvolvem esses projetos, bem como a abrangência de segmentos de mercado a atingir e tipo de atores e organizações envolvidos, que tanto podem incluir instituições de caridade como empresas do setor privado, operadores turísticos, entre outros (Callanan & Thomas, 2005).

Ao contrário de outras formas de voluntariado de mais longa duração, o turismo voluntário é uma atividade não remunerada, exercida no tempo livre do turista por um período inferior a um ano, o qual, na maioria dos casos, deverá assumir todos os encargos inerentes, desde a viagem, ao alojamento, alimentação, entre outros, dependendo do tipo de projetos e organizações envolvidas. Trata-se, assim, de um turista que não viaja exclusivamente por lazer mas também com o objetivo de desenvolver ações de voluntariado a nível social, ambiental ou noutros domínios, procurando experiências que contribuam não só para o desenvolvimento social, natural e económico da comunidade local para a qual se deslocam, como também para o seu próprio desenvolvimento pessoal (Callanan & Thomas, 2005; Ferreira, 2009).

Oferta e procura do turismo voluntário

Os projetos de turismo voluntário podem ser desenvolvidos por organizações de natureza muito diversa e ter lugar em qualquer parte do mundo (Raymond and Hall, 2008). Estes podem implicar diferentes tipos de atividades, sendo que as categorias de projetos mais frequentes são as relacionadas com o bem-estar das comunidades, investigação e conservação da natureza, educação e saúde (Callanan & Thomas, 2005). Da mesma forma, os projetos podem ser muito variáveis em termos dos requisitos exigidos e da sua duração, verificando-se que a situação mais comum é a de projetos de curta duração, muitas vezes inferior a um mês (Callanan & Thomas, 2005; Guttentag, 2009).

As organizações de turismo voluntário existentes estão, na sua maioria, ligadas a organizações de voluntariado que servem como promotoras de projetos que se possam associar àquele tipo de turismo. Estas organizações criam programas específicos para este mercado de nicho, ou desenvolvem parcerias com entidades do setor turístico, tais como agências de viagens, para dar resposta ao aumento da procura dos turistas por este tipo de turismo e à crescente consciencialização das pessoas para a importância do voluntariado como forma de contribuir para uma sociedade melhor.

Existem diversas organizações de voluntariado a nível internacional como a *Global Volunteers*, organização que atua em mais de vinte e um países, desenvolvendo projetos sociais; a *Ecovolunteer*, organização que tem como objetivo a preservação da natureza; a *Netaid*, organização que combate a pobreza no mundo (Voluntariado, 2015), a *VolunTourism*, focada em diversos projetos de turismo voluntário, entre muitas outras.

No entanto, no que se refere à realidade nacional, são ainda poucas as organizações especializadas neste tipo de turismo, sendo que a maioria dos projetos se desenvolve através de organizações que já têm uma larga experiência no terreno em diversos projetos de voluntariado (e.g. AMI; Leigos para o Desenvolvimento, entre muitas outras), mas que muitas vezes não são compatíveis com os pressupostos do turismo voluntário. Há ainda um longo caminho a percorrer nesse sentido, embora se tenham feito progressos notáveis nos últimos anos, a que a Associação Gap Year Portugal (AGYP) veio dar força, a par de outras organizações internacionais com presença em Portugal atualmente e que trabalham em estreita colaboração com escolas e universidades (e.g. AIESEC Portugal).

Um dos segmentos de mercado alvo do turismo voluntário que tem vindo a ganhar atenção a nível internacional desde a década de 2000 é o do *gap year* (Callanan & Thomas, 2005; Simpson, 2004), muito associado também ao crescimento do turismo *backpacking*, tendência que só mais recentemente se tem acentuado em Portugal. Tratando-se de um ano no qual se faz uma pausa na vida quotidiana, normalmente durante um ano letivo ou doze meses, e que se aproveita para desenvolver uma atividade diferente da habitual, usualmente noutro país, pode ocorrer em diversas fases da vida, desde a juventude à terceira idade (AGYP, 2015).

Mesmo assim, naturalmente, são os jovens os que mais aderem ao *Gap Year*, sendo que uma das formas de aproveitar esse período é a prática do voluntariado, reconhecendo-se que se trata de uma oportunidade excepcional de enriquecimento pessoal, do ponto de vista humano, pela possibilidade de contribuir para uma mudança positiva na vida de alguma comunidade ou destino. Os jovens podem optar por apoiar uma Organização Não Governamental (ONG), que atue numa área com que se identifiquem mais, como o ensino (e.g. ensino da língua inglesa a crianças), a área da saúde e da prevenção de doenças infecciosas, a proteção do ambiente ou uma área social (exemplo: participação e integração em pequenos projetos ligados a orfanatos ou comunidades) (GapYearPortugal, 2015).

São, assim, diversas as opções existentes desenvolvidas no âmbito do voluntariado, que podem cativar os mais jovens para esta atividade colocando-os em contacto com realidades muito distintas daquelas que conhecem nos seus países de origem, permitindo-lhes contribuir diretamente para a melhoria dessas condições ao mesmo tempo que conhecem esses países e desenvolvem novas competências que podem ser determinantes como complemento à sua formação.

Impactos do turismo voluntário

A diversidade de projetos e atores envolvidos no turismo voluntário e o seu crescimento exponencial nos últimos anos tornam difícil qualquer tentativa de o balizar, de definir, e de identificar os seus impactos, e a melhor forma de o monitorizar. É, por isso, fundamental reforçar a investigação nesta área, nomeadamente aquela que permite compreender a natureza das diferentes organizações, a tipologia de atividades que desenvolvem, o seu impacto nas comunidades que pretendem ajudar e nos atores envolvidos, bem como a análise do perfil dos próprios turistas voluntários (Lima, Eusébio, & Partidário, 2014; Lima, Garcia, Gómez, & Eusébio, 2012; McGehee, 2014; Taplin, Dredge, & Scherrer, 2014). Apesar dos múltiplos benefícios associados durante muitos anos ao turismo voluntário apregoados pelos media, organizações envolvidas em projetos de turismo voluntário e a própria comunidade científica, são cada vez mais os autores (e.g. Callanan & Thomas, 2005; Coghlan, 2007; Wearing & McGehee, 2013) a chamarem a atenção para os impactos negativos que resultam de muitas destas intervenções.

Entre os impactos positivos apontados, destacam-se as motivações da procura movida por experiências altruístas em alternativa ao turismo de massas, o autodesenvolvimento proporcionado por essas experiências, a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento e bem-estar das comunidades e o contributo para a compreensão mútua intercultural (Callanan & Thomas, 2005; Wearing & McGehee, 2013). São ainda normalmente apontados os benefícios que decorrem das atividades inerentes aos próprios projetos associados à conservação da natureza, restauro de património cultural, assistência médica ou suporte educacional (Coghlan, 2007; Wearing & McGehee, 2013).

No entanto, são muitos os estudos que apontam para um cenário preocupante resultante do crescimento exponencial da oferta e procura por estes projetos e das más práticas verificadas em muitos deles, principalmente dos que têm lugar em países em desenvolvimento (e.g. Guttentag, 2009; Lima et al., 2012; Lima et al., 2014; Palacios, 2010; Taplin et al., 2014). Guttentag (2009) destaca alguns dos principais riscos que podem decorrer destes projetos, entre os quais: o negligenciar dos interesses das comunidades locais; interferência nas economias locais; redução de oportunidades de trabalho para os residentes e reforço da sua dependência externa; alterações da cultura local; entre outros

Uma das preocupações mais sentidas é o facto de este tipo de turismo poder promover o neocolonialismo, já que as populações locais acabam por sentir que as suas necessidades não foram ouvidas e que somente as organizações e praticantes sabem o que é melhor para elas, criando assim um ambiente de hostilidade e desrespeito entre ambas (Guttentag, 2009; Taplin et al., 2014).

Um outro impacto negativo do crescimento exponencial deste tipo de turismo é a criação de esquemas e falsas causas de solidariedade, com um marketing muito agressivo e desajustado daquela realidade (Smith & Font, 2014). Desta forma, as pessoas ao aderirem aos pro-

jetos de voluntariado estão a contribuir para o enriquecimento de outros e não para aqueles que verdadeiramente necessitam (Taplin et al., 2014).

Alguns autores (e.g. Callanan and Thomas, 2005; Guttentag, 2009; Simpson, 2004) questionam mesmo até que ponto é exetável que estes projetos beneficiem as comunidades locais de países em desenvolvimento quando os mesmos requerem apenas habilitações básicas ou mesmo nenhuma por parte dos voluntários para poderem participar, para além de que na maioria dos casos aqueles não conhecem, nem têm tempo de conhecer, os contextos socio-culturais em que é suposto intervirem.

Em alguns casos a intenção é boa, contudo, a falta de organização e a má gestão dos recursos disponíveis (financeiros, humanos) levam a que determinados projetos acabem por fracassar, pois há que ter em conta que este tipo de projetos demoram tempo a ser criados, necessitam de ser estudados e investigados para que no fim se tenha um plano com todos os objetivos e processos a realizar devidamente esquematizados (Taplin et al., 2014).

Por último, os investigadores receiam que, eventualmente, devido ao crescimento exponencial verificado, este tipo de turismo se torne uma moda fazendo com que as motivações da sua prática se tornem superficiais. Receiam, assim, que as organizações passem a criar experiências fabricadas em vez de autênticas para que as necessidades da procura sejam realizadas (Benson & Henderson, 2011; Crossley, 2012; Simpson, 2004; Tomazos & Cooper, 2012; Wearing, 2001).

É, assim, fundamental reforçar o nível de conhecimento existente, quer do lado da oferta, quer do lado da procura, e dos impactos que os projetos de turismo voluntário podem gerar sobre as comunidades locais e sobre os turistas para poder minimizar os impactos negativos identificados e potenciar os benefícios que daí possam resultar (Taplin et al., 2014).

Metodologia

Este estudo envolveu uma metodologia mista, que consistiu na administração de dois procedimentos de recolha de dados. Na primeira fase, foi aplicado um inquérito por questionário, disponibilizado *online*, criado e gerido através do *Google Docs*, constituído por 10 questões fechadas. O *link* do inquérito foi disseminado através da rede social *Facebook* e foi dirigido a indivíduos residentes em Portugal, com idade compreendida entre os 18 e os 30 anos.

Para além da caracterização sociodemográfica dos inquiridos, este conjunto de questões permitiu-nos obter informações relativamente aos seguintes aspetos: conhecimento geral sobre o tema do turismo voluntário, conhecimento de projetos concretos, vontade de praticar, experiência prévia de turismo voluntário, motivações para a prática de turismo voluntário, preferência de áreas e atividades, destinos preferidos, razões para não praticarem, necessidades de informação e opiniões sobre ações a desenvolver para incentivar a participação dos jovens. A análise dos dados incluiu a estatística descritiva, com o suporte do *software* SPSS.

Numa segunda fase, foram realizadas entrevistas em profundidade no sentido de obter informação mais aprofundada de modo a permitir uma compreensão alargada do problema em análise. A partir da amostra obtida na primeira fase do estudo, foram selecionados 15 indivíduos com diferentes perfis e experiências no domínio em estudo, que agrupámos em três grupos: i) 5 inquiridos que já tinham participado em projetos de turismo de voluntariado, ii) 5 inquiridos que não participaram, mas que pretendem fazê-lo, e, por fim, iii) 5 inquiridos que

não participaram, nem manifestam interesse em participar. As entrevistas foram feitas presencialmente, gravadas e transcritas.

No primeiro grupo, as principais dimensões analisadas foram o significado atribuído à experiência e formas de estimular as práticas de turismo voluntário entre os jovens. No segundo grupo procurámos identificar as motivações e as expectativas bem como as razões para a não participação em projetos de turismo de voluntariado. Por fim, no grupo dos indivíduos que não participaram, nem manifestaram interesse em participar, procurámos analisar as razões da falta de interesse dos jovens em participar em projetos de turismo de voluntariado.

Apresentação e discussão dos resultados

Resultados obtidos com os questionários

O número total de indivíduos da amostra foi de 60, sendo 33 do sexo feminino e 27 de sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 27 anos. Relativamente ao grau de escolaridade, 52 são estudantes do ensino superior e 8 possuem o grau de licenciatura.

Os resultados obtidos com os questionários confirmam que grande parte dos inquiridos nunca praticou turismo voluntário (77%). Contudo, quando questionados sobre se gostariam de participar, cerca de 80% dos respondentes manifestam vontade de participar (N=47). Relativamente às motivações identificadas pelos inquiridos para terem participado ou quererem participar no futuro neste tipo de turismo, as principais prendem-se com a procura de novas experiências (16), autorrealização (13), conhecer outras culturas (15), adquirir novos conhecimentos (10), aprender línguas (9) e enriquecer o CV (8), conforme se apresenta na Tabela 1.

Tabela 1: Motivações associadas ao Turismo Voluntário (N=50).

Motivações	Número de respostas
Novas experiências	16
Estilo de vida	9
Objetivos pessoais	5
Criar amigos	6
Autorrealização	13
Enriquecer o CV	8
Preparação para a vida pessoal	7
Conhecer outras culturas	15
Aprender línguas	9
Responsabilidade social	8
Novos Conhecimentos	10

No que se refere ao conhecimento sobre o tema, apenas 10 dos inquiridos (16%) assumem estar bem informados, 39 admitem ter algum conhecimento (65%), e 11 admitem não ter conhecimento algum (N=60). Quando questionados sobre o conhecimento que têm sobre projetos concretos de turismo voluntário, apenas 10 dos inquiridos respondem positivamente.

Relativamente às áreas de intervenção, é a área social a que recolhe mais preferências, com 29 respostas, seguida da educação, com 25 respostas e a área ambiental, com 23 respostas, como se pode observar na Tabela 2.

Tabela 2. Áreas de intervenção do Turismo de Voluntariado (N= 60).

Áreas de intervenção	Número de respostas
Educação	25
Saúde	14
Ambiental	23
Social	29
Empreendedorismo	13

As regiões preferidas para a prática de turismo voluntário são, por ordem de preferência, a Europa (25), África (24), América do Sul (18) e Ásia Pacífico (17). Relativamente às barreiras que inibem uma maior participação e influenciam a tomada de decisão, a maioria das respostas prende-se com as questões financeiras, com 49 inquiridos a assinalar esta opção, seguida da falta de informação, com 33 respostas e a segurança, com 24 respostas, conforme se apresenta na Tabela 3.

Tabela 3. Principais barreiras à prática de Turismo de Voluntariado.

Barreiras à prática do Turismo Voluntário	Número de respostas
Língua	19
Questões financeiras	49
Saudades da família	3
Questões familiares	9
Segurança	24
Condições	16
Falta de informações	33
Acessibilidades	11

A importância da prática deste tipo de atividade pelos jovens é assumida por todos os inquiridos, que consideram que deveria ser disponibilizada mais informação através das escolas, com o apoio das associações de voluntariado e testemunhos de participantes, *workshops* e outras ações que estimulem a participação.

Resultados obtidos com as entrevistas

A realização das entrevistas em profundidade permitiu uma compreensão mais aprofundada sobre as razões que levam os jovens a participar e a não participar, bem como os potenciais benefícios obtidos com essa experiência. Nas seções seguintes serão apresentados os resultados obtidos com base na análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

Entrevistas aos jovens que já participaram em turismo voluntário

Neste primeiro grupo, pretendíamos sobretudo recolher informações que nos permitissem compreender a importância e significado atribuído à experiência vivida no terreno e formas de estímulo para o aumento destas práticas entre os jovens.

A análise de conteúdo deste grupo de entrevistas revela que as experiências de turismo voluntário constituem momentos marcantes na vida dos participantes, sendo de destacar o desenvolvimento pessoal, a aprendizagem obtida e a sensação de contribuir para mitigar alguns dos problemas que assolam as comunidades envolvidas, como nos dá conta o seguinte testemunho:

“Vemos as necessidades das pessoas, presenciamos o seu dia-a-dia, damos uma palavra amiga, estendemos uma mão, ouvimos. São gestos que não nos custam nada, mas que têm um preço inigualável.”

Alguns dos entrevistados afirmam mesmo que constituiu um momento de viragem das suas vidas, permitindo desenvolver competências de vária ordem, tornando-os mais tolerantes, dando-lhes uma visão diferente da realidade, relativizando os problemas e mudando de atitude perante o outro. Apesar das inúmeras dificuldades encontradas no terreno, todos os entrevistados reconhecem o valor da experiência, como nos dá conta o seguinte relato:

“Ali não existia nada: não tinha água canalizada, não tinha os alimentos aos quais estava habituado, não tinha internet, não tinha luz durante a maior parte do dia, era esfolado vivo pelos mosquitos, mas, sem a menor dúvida, valeu a pena.”

Em geral, perpassa também a vontade de ajudar os outros, assumindo a sua própria responsabilidade social em procurar contribuir de alguma forma para mitigar o sofrimento do outro, como evidenciado nos seguintes relatos:

“Nasci numa sociedade que me apoiou e me formou, tornando-me no que sou hoje, e por isso hoje quero retribuir esse favor com os que não têm essa oportunidade.”

“Mais que a realização de um sonho que já tinha há muito, foi o combinar de duas coisas que me realizam bastante: ajudar os outros e visitar e conhecer novas culturas, pessoas e lugares com amigos e/ou pessoas que partilham a mesma visão que eu.”

Como nos relata este último entrevistado, o conhecimento de novas culturas e o confronto com realidades diferentes constitui também uma mais-valia da experiência.

Todos os entrevistados enfatizaram a necessidade de sensibilizar os jovens e estimular uma maior participação, procurando alertar para as desigualdades sociais. Disso mesmo nos dá conta o seguinte testemunho:

“A sociedade de hoje é marcada por um enorme egoísmo e atividades como esta consciencializam os jovens para a necessidade de justiça social e para as disparidades existentes entre ser humanos.”

Considerámos pertinente para a investigação auscultar os entrevistados sobre as formas mais eficazes de estimular a participação dos jovens neste tipo de turismo. As opiniões refletem a necessidade de ser disponibilizada mais informação sobre o assunto, quer através de ações concretas de divulgação de projetos, quer pelo contacto direto de testemunhos e histórias pessoais de outros jovens com experiência neste domínio. Na opinião dos jovens entrevistados, as escolas devem assumir um papel central no processo de sensibilização dos jovens e de incentivo à sua participação. Alguns dos entrevistados defendem mesmo que a participação em ações de voluntariado deve fazer parte integrante do percurso formativo dos jovens, em geral, como forma de alertar e sensibilizar para esta realidade. Por outro lado, foi também enfatizada a importância de serem disponibilizados incentivos e ajudas financeiras, descontos ou promoções em viagens, ou até o financiamento de projetos propostos por jovens de forma a cobrir os custos financeiros inerentes à realização de turismo de voluntariado.

Entrevistas aos jovens que não fizeram, mas gostavam de fazer turismo voluntário

No grupo de entrevistados que ainda não participaram neste tipo de turismo, mas que pretendem fazê-lo, procurámos obter informação sobre as suas motivações e expectativas e também as razões para não terem ainda participado. No que se refere às razões para quererem

participar, o discurso dos entrevistados centra-se sobretudo na procura de novas experiências, na vontade de conhecer culturas e modos de vida diferentes e romper com a rotina, mas também a autorrealização e desejo de contribuir para ajudar outras pessoas:

“Muitas vezes as pessoas pensam que voluntariado se refere a ajudar somente os pobres, mas hoje em dia temos muitos mais problemas a resolver que só a pobreza, este representa só a ponta de um iceberg.”

“Sinto que hoje em dia as pessoas se limitam a cumprir as suas rotinas diárias, pelo que um dos motivos principais para eu desejar praticar este turismo é o facto de desejar experimentar novas experiências que me tirem da minha zona de conforto...”

Foi ainda possível apurar que entre todos estes entrevistados existe uma vontade de desenvolver novas competências, ao mesmo tempo que sentem a responsabilidade social de se envolverem em atividades que possam traduzir-se num impacto positivo na vida das outras pessoas, como evidenciado no seguinte testemunho.

“Por vezes basta um momento para mudar as nossas vidas e as dos outros.”

No que se refere às razões para ainda não terem participado, as questões financeiras são claramente as mais enfatizadas, sendo apontadas por todos os entrevistados. Também o desconhecimento sobre os projetos de turismo voluntário, a falta de tempo e a dificuldade em compatibilizar a participação com as atividades escolares são assumidas como importantes barreiras à participação. Com menor relevância no discurso dos entrevistados, surgem, ainda, referências a outros obstáculos que influenciam a decisão de participar, tais como a falta de competências linguísticas, o receio de não se integrarem, de terem saudades da família, das más condições e acessibilidades dos destinos, mas também medo relativamente à sua própria segurança.

Entrevistas aos jovens que não fizeram nem pretendem fazer turismo voluntário

Neste grupo de entrevistados pretendia-se recolher informação que nos permitisse compreender as razões da falta de interesse em participar em projetos de turismo de voluntariado. A análise de conteúdo efetuada permitiu apurar que, embora alguns dos entrevistados assumam claramente não ser uma área que os motive por terem outras prioridades, outros reconhecem não ter conhecimento sobre os programas e atividades envolvidos:

“Sinceramente, não é uma área que me motive muito, não estaria disposta a abdicar de certos luxos.”

“Nunca pensei muito nisso, mas também não conheço bem esses projetos.”

As despesas foram, uma vez mais, identificadas como uma barreira à participação, bem como a perceção da falta de segurança e o risco de contrair doenças nos destinos. Com menor relevância, foi ainda referida a falta de tempo e a incompatibilidade com as atividades letivas como constrangimentos ao envolvimento neste tipo de projetos.

Conclusões

Neste estudo exploratório procurou-se compreender até que ponto os jovens portugueses conhecem e estão sensibilizados para as práticas de turismo voluntário, procurando identificar soluções e formas de sensibilização sobre a sua importância. A revisão de literatura efetuada e o enquadramento conceptual daí resultante permitiram identificar as dimensões mais

relevantes a ter em conta para o estudo das práticas turísticas do turismo voluntário por parte dos jovens. Através dos dados obtidos pelos questionários e entrevistas, foi possível aprofundar o conhecimento sobre as representações e práticas de turismo voluntário por parte dos jovens, contribuindo, de alguma forma, para um maior conhecimento neste domínio.

Os resultados obtidos com este estudo exploratório permitem concluir que, apesar de haver algum conhecimento sobre o turismo voluntário, a maioria dos jovens entrevistados detêm um conhecimento ainda muito superficial sobre esta realidade. Este resultado aponta para a necessidade de desenvolver mecanismos de partilha de informação, o que pode ser feito a vários níveis: quer através das instituições de ensino, divulgando os diferentes programas e incentivando os estudantes a participar nestes programas, quer através da partilha de testemunhos e vivências de jovens com experiências neste domínio. Por outro lado, dada a dificuldade existente ao nível da divulgação da informação, seria de grande utilidade o desenvolvimento de uma plataforma digital que permitisse a comunicação, a partilha de informação e a transferência de conhecimento entre os principais atores que fazem parte deste sistema turístico, ou seja, organizações que desenvolvem projetos nesta área, participantes, atuais e potenciais, e outras organizações públicas com responsabilidade no setor, bem como instituições de ensino.

Este estudo chama a atenção para outro aspeto que é importante salientar. Nem todos os jovens têm perfil para participar neste tipo de atividades. Mesmo reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento de competências pessoais e para o exercício de uma cidadania ativa, acreditam noutras formas também eficazes de desenvolver. Os projetos de turismo voluntário, tal como o voluntariado em geral, pressupõem a adesão dos participantes de uma forma autêntica e desinteressada, não devendo, por isso, ser estimulada a participação se não for baseada nessas premissas. Neste sentido, o processo de seleção dos participantes é também um aspeto de grande relevância a considerar no desenvolvimento de turismo de voluntariado, promovendo os valores em que assenta e evitando a participação motivada apenas como forma de enriquecimento curricular.

Como limitação do estudo, consideramos que a principal se deve ao tamanho e falta de representatividade da amostra, o que deve ser levado em consideração em futuras investigações. O reduzido número de inquiridos, o uso de uma amostragem de conveniência e a aplicação *online* do questionário não permitem considerar os resultados representativos da população em estudo, devendo os resultados ser interpretados com cautela na medida em que os participantes podem não representar a perceção geral dos jovens sobre o turismo voluntário. Mesmo assim, considera-se ter obtido um número suficiente de respostas que, complementadas com a análise qualitativa obtida com as entrevistas, permitiu retirar um conjunto de conclusões pertinentes que poderão servir de base a outros estudos neste domínio. No desenvolvimento de futuras investigações, seria importante, mesmo assim, alargar o tamanho da amostra e utilizar outros métodos de recolha de dados. Para além disso, seria importante estudar a realidade do turismo voluntário a partir de outras perspetivas, designadamente, do ponto de vista do seu impacto efetivo nas comunidades locais dos países onde tem lugar.

Referências bibliográficas

- Associação Gap Year Portugal. (2015). Sobre Nós. Disponível em <http://www.gapyear.pt/quem-somos/o-que-e-um-gap-year/>
- Benson, A., & Henderson, S. (2011). A strategic analysis of volunteer tourism organizations. *Service Industries Journal*, 31(3), 405-424.

- Callanan, M., & Thomas, S. (2005). Volunteer tourism: deconstructing volunteer activities within a dynamic environment. In M. Novelli (Ed.), *Niche Tourism: Contemporary issues, trends and cases* (pp. 183-200). Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Coghlan, A. (2007). Towards an Integrated Image-based Typology of Volunteer Tourism Organisations. *Journal of Sustainable Tourism*, 15(3), 267-287.
- Crossley, E. (2012). Poor but happy: volunteer tourists' encounters with poverty. *Tourism Geographies*, 14(2), 235-253.
- Ferreira, C. (2009). Volunturismo: Altruísmo em tempo de férias. Panorâmica do mercado e perspectiva geográfica. In: J. M. Simões, & C. Ferreira, *Turismos de Nicho Motivações, Produtos, Territórios* (pp. 263-281). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
- Guttentag, D. (2009). The possible negative impacts of volunteer tourism. *International Journal of Tourism Research*, 11(6), 537-551.
- Lima, S., Eusébio, C., & Partidário, M. R. (2014). Critical success factors for tourism in developing countries: A critical reflection. *Journal of Tourism and Development*, 4(21/22), 119-131.
- Lima, S., Garcia, C., Gómez, D., & Eusébio, C. (2012). El turismo como una estrategia para el mundo en desarrollo: el Programa UNWTO. Volunteers. *PASOS: Revista de Turismo e Património Cultural*, 10(3), 303-314.
- McGehee, N. (2014). Volunteer tourism: evolution, issues and futures. *Journal of Sustainable Tourism*, 22(6), 847-854.
- McGehee, N., & Santos, C. (2005). Social change, discourse, and volunteer tourism. *Annals of Tourism Research*, 32(3), 760-779.
- Mustonen, P. (2005). Volunteer tourism: postmodern pilgrimage? *Journal of Tourism and Cultural Change*, 3(3), 160-177.
- Palacios, C. (2010). Volunteer tourism, development and education in a postcolonial world: conceiving global connections beyond aid. *Journal of Sustainable Tourism*, 18(7), 861-878.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Raymond, E., & Hall, C. (2008). The development of cross-cultural (mis)understanding through volunteer tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 16(5), 530-543.
- Simpson, K. (2004). 'Doing development': the gap year, volunteer-tourists and a popular practice of development. *Journal of International Development*, 16(5), 681-692.
- Smith, V., & Font, X. (2014). Volunteer tourism, greenwashing and understanding responsible marketing using market signaling theory. *Journal of Sustainable Tourism*, 22(6), 942-963.
- Taplin, J., Dredge, D., & Scherrer, P. (2014). Monitoring and evaluating volunteer tourism: a review and analytical framework. *Journal of Sustainable Tourism*, 22(6), 874-897.
- Tomazos, K., & Cooper, W. (2012). Volunteer tourism: at the crossroads of commercialization and service? *Current Issues in Tourism*, 15(2), 405-423.
- Voluntariado. (2015). *Conselho Nacional para a promoção do Voluntariado*. Disponível em <http://www.voluntariado.pt/left.asp?09.02>
- Wearing, S. (2001). *Volunteer tourism: Experiences that make a difference*. Wallingford: Cabi.
- Wearing, S., & McGehee, N. (2013). Volunteer tourism: A review. *Tourism Management*, 38, 120-130.